

A promessa do fazendeiro

Belarmino estava se tornando um fazendeiro de dar inveja. De tanto trabalhar, de tanto cuidar do gado, já possuía um rebanho numeroso. Vacas de leite, gado de corte e um galinheiro capaz de produzir dúzias de ovos todos os dias.

Até que a sorte começou a mudar. Pois não é que uma onça tremenda resolveu visitar sua fazenda? Era uma onça com uma fome que parecia não ter fim. Apareceu ninguém sabe de onde e tornou-se um pesadelo em toda a região.

Estava Belarmino na varanda, andando de um lado para o outro, preocupado com os estragos da onça, quando lá veio o capataz da fazenda de olho arregalado:

– Seu Belarmino! Nessa noite a danada matou uma cabrita!

– O quê?! Miserável! – revoltou-se o Belarmino.

Em seguida, apareceu assustadíssimo o caboclo encarregado do galinheiro:

– Ai, ai, ai! A onça entrou no galinheiro, seu Belarmino! Matou cinco legornes e o peru gordo que o senhor estava guardando para a ceia de Natal!

– Meu peru! Desgraçada! Esfomeada!

No minuto seguinte, chegava o peão encarregado do estábulo, e a notícia era ainda pior:

– Seu Belarmino! A onça devorou a bezerra premiada!

Com essa, o fazendeiro pulou de ódio:

– Minha bezerra?! A da medalha de ouro? Ah, essa onça me paga!

Vermelho de raiva, Belarmino entrou em casa e foi buscar a espingarda pendurada na parede da sala.

– Vou pegar essa danada! – decidiu o fazendeiro, botando carga dupla na espingarda. – Nem que seja a última coisa que eu faça na vida. Essa onça me paga!

Assobiou, chamando seu cão de caça:

– Bodoque! Vem cá! Tá na hora de farejar rastro de onça!

Saiu à caça e andou o dia todo.

Mateiro experiente, procurou nas nascentes, lugar de onça beber água, fuçou pelas tocas, pelas grotas, pelas grutas e grotões. E nada de onça!

Bodoque farejava todos os cantos mas, cada vez que dava um alarme, Belarmino

só perdia tempo. Era correr para onde o cachorro apontava e encontrar apenas um coelho ou algum esquilo.

A noite caiu, mas Belarmino não desistia:

– Ah, não será uma onça vagabunda que há de me dar esse prejuízo! Hei de achar essa miserável! Vou meter-lhe uma bala nas fuças e vou transformar a pele da safada em tapete.

Mas o tempo passava e Belarmino não encontrava nem pegada de onça. E Bodoque não conseguia farejar nada que parecesse catinga de pintada.

Belarmino estava exausto, sem saber mais onde procurar. Foi aí que lhe bateu o desespero e o fazendeiro resolveu apelar. Ajoelhou-se numa clareira e pediu, com todo o fervor de que era capaz:

– Valei-me, meu São Benedito! Se me ajudares a topar com essa onça, prometo doar vinte cabeças de bom gado à caridade em vosso nome!

E não é que, no mesmo instante, fosse por obra do santo ou do acaso, surgiu-lhe à frente... o quê? A onça! A própria, a dita cuja!

Mas que onça! Era um bicho dos maiores, uma fera de respeito! Olhos fuzilantes, bote pronto, boca aberta, um bafo dos infernos, urro de alucinar!

Paralisado de medo, com tremor por todo o corpo, com a valentia a escorrer-lhe pelas pernas, o pálido fazendeiro refez a promessa na mesma hora:

– Ai, meu São Benedito! Prometi vinte cabeças de bom gado se fizésseis surgir a onça. Prometo agora todo o rebanho se a fizerdes desaparecer!